

# À procura de Albertine

Tiago Mussi<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** A partir de uma reflexão em torno da busca do objeto da escrita psicanalítica, tendo como pano de fundo o romance *A prisioneira* do escritor francês Marcel Proust, o autor procura discutir alguns aspectos da figura do psicanalista-escritor. Assimilando certos elementos da ficção à psicanálise, procura realizar através da escrita do artigo uma reconstrução do objeto perdido, que se assemelharia assim ao próprio trabalho realizado no processo analítico por meio da associação livre e das construções em análise. Na realidade, ao apagar em certa medida as fronteiras entre os gêneros literário e científico, o texto se configura numa área potencial de ilusão, que busca imitar o objeto transicional. A escrita se constitui assim como elemento terceiro entre a clínica e o psicanalista-escritor.

**PALAVRAS-CHAVE:** construções; intertextualidade; narratividade; objeto transicional; terceiridade.

*Eu não estou cansada. Talvez os próprios gêneros literários sintam fadiga, mas não devemos ter pena deles. São notoriamente preguiçosos.*

Anne Carson

Se analisar, educar e governar são tarefas impossíveis, em que de antemão se sabe que o resultado deixará a desejar, como disse Freud em *Análise terminável e interminável* (1937/2018), talvez o pai da psicanálise tenha cometido um lapso quando deixou de incluir dentre essas tarefas o ato de escrever. Sem pretender uma interpretação sobre o que essa falta significa, podemos no entanto nos perguntar

---

1. Psiquiatra, Membro Provisório do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ. Mestre em psicologia pela Université Paris 13.

por que a escrita seria uma das tarefas irrealizáveis e, sendo assim, o que em última instância ela paradoxalmente realiza. Pois, emulando os destinos da pulsão, a escrita é capaz de voltar-se sobre si mesma, tomando-se como objeto quando ela ousa *se* escrever, convertendo assim a atividade em passividade. O essencial no processo, como sabemos desde *Os instintos e seus destinos* (1915/2010), é a mudança de *objeto* com a meta inalterada. Mas, qual seria esse objeto da escrita, afinal? E, mais especificamente, qual seria o objeto da escrita psicanalítica?

Para tentar responder essa questão e também a anterior, a da escrita como tarefa impossível, talvez seja preciso recorrer ao Lacan de *Joyce o sintoma* (1975/2005), quando ele disse que, mais do que falar, nós *somos falados* pela nossa família. É um Outro que fala através de nós, isto é, somos habitados por esse Outro, pois o Eu já não é mais senhor na própria casa. Por sermos assim falados, pondera Lacan, podemos justamente fazer dos acasos que nos movem aqui e ali, algo de uma trama, ou melhor, de um destino. Mal comparando, poderíamos dizer que, mais do que propriamente escrever, somos escritos por esse Outro. Mas o que afinal escrevemos quando pensamos escrever? E, mais particularmente, o que o psicanalista que também exerce a escrita em paralelo a seu trabalho clínico – vamos chamá-lo de *o psicanalista escritor*, por enquanto – seja de maneira incidental, seja de maneira continuada, está em vias de escrever?

[Quando me refiro ao psicanalista escritor aqui, estou pensando no psicanalista que se dedica, através da escrita, a pensar e a elaborar algo da clínica ou da teoria psicanalíticas, não o psicanalista que tem também alguma vocação literária, do qual não me ocuparei neste trabalho. Embora não pretenda tratar da escrita ficcional, uma frase pinçada da *Correspondance* de Flaubert talvez possa justamente servir como extrapolação a fim de entendermos melhor a escrita psicanalítica: “Escrever é uma maneira de viver” (Vargas Llosa, 1997/2006 p. 13). Quando o autor de romances como *Madame Bovary* e *Educação sentimental* punha-se a escrever com a dedicação que suas cartas a amigos e à sua amante, Louise Colet, deixam entrever – sobretudo entre 1850 e 1854, período em que escreveu *Madame Bovary* –, criando e desenvolvendo os personagens que habitavam sua imaginação, reconstruindo cenas e atmosferas por onde aqueles se deslocavam e se relacionavam, ressignificando situações passadas, talvez ele estivesse fazendo algo muito próximo ao trabalho do psicanalista. Não me parece casual que um dos maiores filósofos do século passado, Jean-Paul Sartre, desempenhando o papel de psicanalista, tenha dedicado um trabalho monumental a Flaubert, fazendo dele objeto de estudo e pretexto em *O idiota da família* (1988/2013). A partir da proto-história do romancista, recons-

trói sua primeira infância e sua constituição oriunda do meio familiar, depois sua neurose na vida adulta e a “opção pelo irreal”, tendo por último a neurose individual como precipitado de uma neurose coletiva, comum à elite burguesa e culta do Segundo Império francês. Assim, para não alongar demais esse período intercalado no texto – usado para acrescentar informação adicional, mas não essencial –, concludo me arriscando a reinterpretar a máxima enunciada por Flaubert: Escrever é uma maneira de psicanalisar.]

O psicanalista argentino Mariano Horenstein (2022) me lembra que “o desejo se esvai, escapa numa metonímia incessante, e quando queremos capturá-lo, já está em outro lugar” (p. 4). Se Horenstein evoca Lacan, apontando justamente para o caráter inapreensível do desejo, o mesmo poderíamos dizer em relação ao objeto, pois enquanto objeto do desejo também ele nos escapa, não se deixa apreender, capturar totalmente, levando-nos numa busca incessante que afinal nunca termina. Para tentar articular uma resposta possível à questão do objeto da escrita psicanalítica, sinto que devo recorrer a um autor da literatura ficcional, muito mais do que a um autor da psicanálise, para me ajudar a pensar, pois acredito que a ficção não só amplie nossa imaginação, como também liberte o pensamento. Assim, me sinto tentado a buscar meu argumento num conhecido tratado sobre o objeto do desejo, que alguns leitores talvez conheçam pelo título de *Em busca do tempo perdido* (Proust, 1923/1999). [Na nova tradução que sairá em dezembro de 2022 pela Companhia das Letras, feita a partir da Pléiade e realizada por Mario Sergio Conti, o título é *À procura do tempo perdido*, mais próximo do original]. O tempo é tão somente mais um dos objetos, talvez o mais significativo deles na mitologia proustiana, além da arte e do amor, que insistem em se multiplicar ao longo da *Recherche*, mas que são sucessivamente perdidos e depois reencontrados, como Winnicott estabeleceu um dia.

Se Winnicott foi um leitor de Proust, não podemos saber, embora seja tentador imaginar um ensaio escrito pelo psicanalista e professor de Literatura na Université Paris 8 Pierre Bayard, cujo título seria algo como *Proust, juste avant Winnicott*. Por enquanto, teremos que nos contentar em ler *Maupassant, juste avant Freud* (1994) até que Bayard algum dia, quem sabe, se decida a investigar, tal um Hercule Poirot (*Qui a tué Roger Ackroyd?*) ou Sherlock Holmes (*L'affaire du chien des Baskerville*), as relações ignoradas entre o psicanalista inglês e o romancista francês.

Portanto, retomando a busca pelo argumento que nos ampare diante da questão do objeto da escrita, que parece assim escapar, evitando de modo astucioso nossa tentativa de captura, vamos procurar a resposta num dos livros

da *Recherche*, precisamente em *A prisioneira* (*La prisonnière* em francês, *The captive* em inglês), o volume 5 da obra em 7 volumes (1923/1999). Nesse livro publicado postumamente, o Narrador (cujo nome, insinuado pelo próprio, é o mesmo do autor do romance, ou seja, Marcel) mantém cativa em sua casa Albertine, uma “obsessão romântica, psicosssexual e moral” (p. 12), nas palavras da poeta, ensaísta e professora Anne Carson (2014/2017). Desde André Gide, que não soube reconhecer o talento do autor da *Recherche* quando este era ainda um jovem escritor, alguns críticos acreditam que a personagem Albertine, na verdade, era um duplo de Alfred Agostinelli, chofer de Proust, objeto de sua paixão. Segundo Carson, autora conhecida pela intertextualidade e pela mistura de gêneros literários, isso é o que se chama “teoria da transposição”, ou seja, transpor para as páginas do romance, da ficção, a dolorosa e inapreensível realidade. Embora cativa, Albertine não se deixa nunca aprisionar. Primeiro, ela mente. Segundo, ela dorme. Terceiro, ela seria lésbica, suspeita Marcel. No entanto, ela nega que seja homossexual, quando interrogada pelo Narrador. Mas todas suas amigas são lésbicas. As negativas dela o fascinam. Não apenas isso, mas as amigas dela também o fascinam por “desfilar” na praia e se beijarem nos restaurantes, em contraste com seus próprios amigos gays, mas não assumidos. Apesar da insistência e dos interrogatórios, Marcel não consegue saber o que as mulheres fazem juntas. Ela diz que ignora. A coisa que mais o atraiu nela foi a liberdade, mas agora que está presa ele se entedia. A teoria do desejo para Marcel (sim, ele tem uma também) significa a possessão da outra pessoa com a total descaracterização de sua personalidade, paradoxalmente extinguindo o desejo, pois o caráter é o que tornaria a pessoa desejável. Em razão do tédio, ela se transforma numa “escrava pesada”. Albertine aos poucos se transforma num objeto do amor e da paixão de Marcel, ainda que algo permaneça sempre intangível. Instalada num quarto, ou melhor, numa cela na casa do Narrador, ela não tem qualquer referência de família, profissão ou futuro. Ela é obediente, segundo ele. O estado dela que mais o excita é quando ela está adormecida. Durante o sono, Albertine arranca o quimono e fica nua. Marcel então a possui, mas ela não parece acordar, imersa num leve torpor. Ele pensa que é senhor dessas horas, mas na verdade poderíamos pensar que é o escravo. Sim, porque uma noite ela sai para dançar no Cassino. Quando confrontada, ela mente mais uma vez. Albertine arrasta Marcel atrás dela. Os ciúmes, a impotência e o desejo do Narrador passam a ser os trunfos nas mãos da cativa. Se ela lhe escapou de várias formas (através da mentira, do sono ou do sexo, afinal como poderia possuí-la se fosse lésbica?), a última e definitiva fuga que ela empreendeu foi

a morte. A morte da amante num acidente a cavalo, contudo, não livra Marcel dos ciúmes. Quando chegamos ao final do livro, temos a viva impressão de que a prisioneira do título não faz referência somente a Albertine, mas de forma inelutável também a ele.

Se pudermos aqui também empregar a teoria da transposição, poderíamos pensar que esse romance sobre a captura representa, de maneira simbólica, a mesma tentativa que estamos procurando realizar ao escrever este artigo. Assim, ao nos aproximarmos do objeto da escrita psicanalítica, para então tentar melhor fixá-lo através da escrita, ele nos escapa como Albertine fugia de Marcel, insistindo em não se entregar totalmente a seu captor. Na verdade, a teoria da transposição, tal como a interpretamos a partir da obra de Carson, seria uma forma imperfeita de metalinguagem, uma espécie de duplo da metapsicologia – se pudéssemos ver as coisas por esse ângulo –, um procedimento de dominação semelhante aos utilizados por Marcel contra Albertine. Se a metalinguagem pode ser elevada aqui a um método de captura, talvez o mais bem-sucedido dentre eles, o que ele logra aprisionar no entanto é tão somente uma sombra do objeto, uma pálida lembrança de sua existência. Quando pensamos ter agarrado o conteúdo, na realidade roçamos bem de leve na forma, como na novela de Bioy Casares *A invenção de Morel* (1940/2006), cujo protagonista percebe de repente que a bela e distante Faustine e os personagens que o cercavam eram apenas projeções, imagens gravadas num aparelho por Morel, o líder do grupo, nome que faz alusão ao terrível Dr. Moreau de H. G. Wells. Certamente não é coincidência, no prólogo que faz ao livro do colega, a afirmação do escritor Jorge Luis Borges, ressaltando que o texto de Bioy representa um contraponto à tese que defendia a supremacia dos romances informes ou “psicológicos” (Proust) sobre o romance de peripécias, cuja trama não lhe parecia “uma imprecisão ou uma hipérbole qualificá-la de perfeita” (p. 10).

Se Albertine é o nosso objeto, só nos resta fazer as vezes de Marcel? Vamos admitir, por um instante, que o papel nos convém, que temos algo a aprender com nosso captor. E que temos que lidar com apenas *uma* Albertine, e não com a multitudinária Albertine (a *dormeuse*, a mentirosa, a lésbica, a viciada em jogo etc.). Marcel, não o Narrador, mas o Proust, autor da *Recherche*, tem o que poderíamos chamar de uma escrita “clínica”, no sentido do que o pintor britânico Francis Bacon pretendia dar ao termo:

Ser clínico não é ser frio, é uma atitude, é como decidir alguma coisa. Mas a verdade que em tudo isso há frieza e distância. *A priori*, não há sentimentos. E, paradoxal-

mente, pode provocar um enorme sentimento. *Clínico* é estar o mais próximo possível do realismo, no mais recôndito de si. Alguma coisa de exato e afiado. O realismo é uma coisa perturbadora... (Maubert, 2009/2010, p. 23)

Decerto Bacon não pensava em Proust quando empregou o termo numa entrevista, embora fosse leitor da *Recherche*, mas a clínica parece representar de maneira emblemática um dos objetos, senão o objeto em última instância, da escrita psicanalítica. Por isso, poderíamos acrescentar mais uma qualidade à série Albertine, além da dorminhoca, da mentirosa, da lésbica e da jogadora: a clínica. Não sei se a comparação pode soar infame, mas se Albertine é a clínica – nosso objeto tão procurado –, a figura de Marcel caberia ao escritor psicanalista. Indo um pouco mais longe nesse raciocínio, as amigas de Albertine, de quem ele sente ciúmes, corresponderiam à metapsicologia? Taí uma questão para a qual não encontro resposta por enquanto. Ainda que possa ser “pesado” desempenhar o papel do captor de Albertine, estar de alguma forma identificado com Marcel, mais do que nos aprisionar pode paradoxalmente nos libertar, na medida em que nos damos conta de que realizamos neste artigo um procedimento semelhante ao que o Narrador emprega na *Recherche*. No romance, o protagonista é ao mesmo tempo narrador do livro que estamos lendo e protagonista, não de uma determinada sequência de eventos presentes ou lembranças passadas, mas antes de reflexões psicológicas sobre o amor, a arte, a memória e o tempo. Ao longo da narrativa que se estende por sete volumes, Marcel faz um duplo movimento, ao mesmo tempo vivenciando os eventos para depois narrá-los a partir das suas impressões e deformações das memórias, historicizando assim elementos aparentemente dispersos no tempo e no espaço, atribuindo-lhes ligações inesperadas e novos sentidos.

Assim, me parece que o trabalho do psicanalista escritor (ou melhor seria do escritor psicanalista?) não difere muito do Narrador da *Recherche*. Em certo sentido, poderíamos dizer – isso não é absolutamente novo –, que o psicanalista escritor realiza também em seu trabalho um duplo movimento, semelhante em muitos aspectos ao de Marcel. Se, num primeiro momento, sua função é sobretudo a escuta, não somente do que o paciente está “tramando” – do que ele está alinhavando quando está em vias de nos contar algo, mas especialmente o que ele está deixando de nos dizer –, num segundo tempo, a função do psicanalista é reunir esses elementos dispersos e aparentemente sem ligação, elaborando uma “ficção” a partir de sua contratransferência, coconstruindo com o analisando um novo sentido para que haja uma transformação interna deste. O psi-

canalista escritor não só ficcionaliza a narrativa que o analisando está tecendo durante a sessão, mas se empresta como personagem desse romance familiar. O trabalho do psicanalista escritor não termina aí. Ao contrário, é a partir desse momento que ele justamente começa.

Terminada a sessão, o psicanalista que também escreve pode tomar notas ou gravar os apontamentos feitos para uso futuro, para escrever um artigo, um trabalho, um livro ou até mesmo os relatórios da formação. Se existe um primeiro tempo de escuta, um segundo da coconstrução da narrativa, existe um terceiro tempo que é o da escrita propriamente dita, o da terceiridade. Sabemos que não é possível “escrever” o processo primário, escrever um sonho, pois já ao contá-lo, o deformamos, embora alguns tenham tentado, como os surrealistas e James Joyce, que teve a pretensão de escrever bem próximo ao processo primário no ilegível e onírico *Finnicius Revém* (*Finnegans Wake*). A escrita psicanalítica, contudo, representa um momento de triangulação entre o psicanalista e seu analisando para que o primeiro, a partir de um distanciamento no espaço e no tempo, possa figurar algo da vivência que teve ao estar identificado com o segundo, não apenas desidentificando-se nesse *après-coup* da sessão, mas também podendo fazer novas observações sobre a clínica e a metapsicologia a partir do trabalho associativo da escrita. Segundo Green (2012), “o terceiro é iniciador de um movimento de abertura, de busca de sentido”, em suma, de desalienação, de fim da captura. “Ou seja, a terceiridade é aquela função que abre a possibilidade da substituição. Até mesmo a substituição desse terceiro que pode estar representando essa função. Há sempre um terceiro que representa algo para um dos envolvidos” (p. 223). Em outras palavras, a terceiridade abre a possibilidade de um deslizamento do sentido, da substituição da metáfora pela metonímia.

Talvez a figura do psicanalista escritor se confunda com a do próprio psicanalista, pois desde Freud, escritor maior da psicanálise, e seus sucessores, os psicanalistas não fazem que escrever. A escrita faz parte da identidade do psicanalista, não apenas daquele que escreve por desejo, compulsão ou por ofício, mas também dos que leem a psicanálise e não a escrevem.

Desde as cartas a Fliess e a seus discípulos, que têm valor de arquivo e transmissão, a escrita seminal de *A interpretação dos sonhos*, passando pelas cinco grandes histórias clínicas (Dora, Hans, Homem dos Ratos, Schreber, Homem dos Lobos), os trabalhos de metapsicologia, as análises de personalidades (Da Vinci), romances (*Gradiva*, de Jensen) e peças literárias (Édipo rei, Macbeth, Hamlet), não seria exagero dizer que Freud não fez outra coisa a não ser escrever. Em razão juntamente disso, recebeu o Prêmio Goethe em 1930.

Na verdade, essa digressão através da busca do objeto da escrita psicanalítica representa, em suma, o próprio trabalho do escritor psicanalista.

Todavia, ao chegar ao final deste artigo, nos damos conta de que não podemos adotar o conceito artificialmente construído do escritor psicanalista como algo unívoco, ou seja, cativo do Um, pois os psicanalistas escritores são multidão.

Os psicanalistas que escrevem, por razões que eles mesmos desconhecem, têm a multiplicidade figurativa de Albertine. (Ela não é um objeto sólido, como destacou Anne Carson, é impossível conhecê-la pelas razões que já sabemos). Quando aproximamos a escrita para apanhá-los, eles se desdobram em dez Albertines sucessivas.

“Só amamos o que não possuímos inteiramente”, Marcel me relembra dolorosamente nesse 18 de novembro de 2022, aos cem anos da morte do escritor.

### ***In search of Albertine***

**ABSTRACT:** *From a reflection around the search for the object of psychoanalytic writing, having as background the novel *The captive* by the French writer Marcel Proust, the author seeks to discuss some aspects of the figure of the psychoanalyst-writer. Assimilating certain elements of fiction to psychoanalysis, he seeks to accomplish through the writing of the article a reconstruction of the lost object, which would thus resemble the very work carried out in the analytic process through free association and constructions in analysis. In fact, by erasing to a certain extent the boundaries between the literary and scientific genres, the text configures itself in a potential area of illusion, which seeks to imitate the transitional object. Writing is thus constituted as a third element between the clinic and the psychoanalyst-writer.*

**KEYWORDS:** *constructions; intertextuality; narrativity; transitional object; thirdness.*

### ***En busca de Albertine***

**RESUMEN:** *A partir de una reflexión en torno a la búsqueda del objeto de la escritura psicoanalítica, teniendo como telón de fondo la novela *La prisionera* del escritor francés Marcel Proust, el autor pretende discutir algunos aspectos de la figura del escritor psicoanalista. Asimilando ciertos elementos de la ficción al psicoanálisis, busca realizar a través de la escritura del artículo una reconstrucción del objeto perdido, que se asemejaría así al propio trabajo realizado en el proceso analítico a través de la asociación libre y las construcciones en análisis. De hecho, al borrar en cierta medida las fronteras entre los géneros literario y científico, el texto se configura en un área potencial de ilusión, que busca imitar el objeto transitorio. La escritura se constituye así como un tercer elemento entre la clínica y el psicoanalista-escritor.*

**PALABRAS CLAVE:** *construcciones; intertextualidad; narratividad; objeto transitorio; terceridad.*



## Referências

- Bayard, P. (1994). *Maupassant, juste avant Freud*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Casares, B. (2006). *A invenção de Morel*. São Paulo: Cosac Naify. (Original publicado em 1940.)
- Carson, A. (2017). *O método Albertine*. São Paulo: Jabuticaba. (Original publicado em 2014.)
- Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1915.)
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., vol. 19, pp. 274-326). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1937.)
- Green, A. (2012). André Green: a clínica contemporânea e o enquadre interno do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(3): 215-225.
- Horenstein, M. (2022). Três desejos. *Intervalo Analítico*, 23(3): 4.
- Lacan, J. (2005). Joyce le symptôme. In J. Lacan, *Le Séminaire XXIII* (pp. 161-169). Paris: Seuil. (Original publicado em 1975.)
- Maubert, F. (2010). *Conversas com Francis Bacon: o cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 2009.)
- Proust, M. (1999). La prisonnière. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (pp. 1607-1915). Paris: Gallimard. (Original publicado em 1923.)
- Sartre, J.-P. (2013). *O idiota da família*. Porto Alegre: L&PM. (Original publicado em 1988.)
- Vargas Llosa, M. (2006). *Cartas a um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Elsevier. (Original publicado em 1997.)

Recebido: 20/11/2022

Aceito: 01/12/2022

---

**Tiago Mussi**

tiagofrancoh@gmail.com